

REPRESENTAÇÕES DO NACIONALISMO EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO: UM ESTUDO SOBRE A “GRANDE IMPRENSA” MINEIRA (1949-1950)

Marcus Vinícius Costa Lage¹ e Euclides de Freitas Couto²

Resumo: A IV Copa do Mundo de futebol sediada no Brasil, em 1950, se prestou como plataforma política para o governo brasileiro legitimar sua posição ideológica de alinhamento ao projeto liberal-capitalista em curso naquele contexto. Neste artigo são analisadas as estratégias políticas adotadas no sentido de difundir, por meio da “grande imprensa”, como o jornal *Estado de Minas*, representações de uma autoimagem que se projetava da nação. Nesse sentido, o periódico buscou construir uma imagem positiva do país ao creditar a suposta superioridade da seleção em razão de seu estilo de jogo, resultado das características miscigenadas do povo brasileiro e, simultaneamente, procurou enaltecer a imagem do povo e dos governantes ao destacar a capacidade de realização dos políticos e dos trabalhadores.

Palavras-chave: futebol; nacionalismo; representação; imprensa.

Representations of nationalism in the World Cup times: a survey of leading newspapers from Minas Gerais (1949-1950)

Abstract: Football World Cup IV, held in Brazil in 1950, served as a political platform for the Brazilian government to legitimate its ideological alignment with the liberal capitalist project of the time in that context. This paper investigates the political strategies adopted to publicize representations of a self-image of Brazil through leading newspapers such as *Estado de Minas*. *Estado de Minas Gerais* sought to construct a positive image of Brazil by attributing a supposed superiority of the Brazilian football team to its original playing style, a result of the miscegenation of the Brazilian people, at the same time that it praised the image of the Brazilian people and politicians by highlighting their capacity of achievement.

Keywords: Football; nationalism; representation; press.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: mvclage@gmail.com. Belo Horizonte, Brasil.

² Doutor em História pela UFMG, professor adjunto da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: euclides@ufsj.edu.br. São João del-Rei, Brasil.

Introdução

O período compreendido entre as décadas de 1930 e 1940 se caracterizou por transformações geopolíticas internacionais cujas consequências foram sentidas nos mais variados espectros sociais. À medida em que as formas espetacularizadas do esporte se consolidavam em meio à sedução das multidões, a exemplo do futebol³, uma vasta gama de interesses passou a habitar a esfera esportiva que se constituiu como um campo privilegiado de produção e reprodução das relações de poder. Os Estados Nacionais, sobretudo aqueles conduzidos por regimes ditatoriais – autoritários e, principalmente, totalitários⁴ –, têm sido considerados como um dos atores sociais que mais destacadamente atuou sobre o esporte espetacularizado no período entreguerras, utilizando-o como propaganda ideológica para representar simbolicamente o governo internacionalmente ou “[...] como elemento aglutinador e disciplinador da ordem social interna.” (LIINHALES, 2001: 52)

A participação brasileira na III Copa do Mundo de futebol de 1938, realizada na França às vésperas do conflito internacional conhecido como Segunda Guerra Mundial (1939-1945), é emblemática nesse sentido, pois constituiu-se na primeira competição esportiva internacional realizada após o recrudescimento do autoritarismo político varguista, cujo marco foi a instauração do Estado Novo no final de 1937. Os incentivos financeiros e simbólicos dados pelo governo Vargas à delegação brasileira, caracterizando o futebol como um assunto de Estado, se explicavam, na ocasião, em função do envolvimento governamental com o setor esportivo (SOUZA, 2008; DRUMOND, 2013). De influência nazifascista, o Estado Novo varguista (1937-1945) sustentava um discurso pedagógico e cientificista sobre os esportes, de militarização do corpo (LENHARO, 1986), que considerava o cuidado e a educação corporal como transmissores de moralidade, contribuintes da eugenia e do civismo, além de preparadores para o mundo do trabalho, princípios que subsidiaram a elaboração de um conjunto de textos legais que oficializaram uma política de esportes no país⁵. Paralelamente, no plano simbólico, o governo defendia a instrumentalização política dos desempenhos satisfatórios de atletas brasileiros em competições internacionais, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol, associando-os às suas realizações como forma de angariar apoio popular ao regime. Assim, a inédita terceira colocação obtida pela equipe

³ Para a definição de “espetáculo esportivo” e, mais precisamente, de “espetáculo futebolístico”, ver análises antropológica de Damo (2007) e discursiva de Silva (2014). Respeitadas as devidas distinções analíticas, nos apropriaremos da ideia de que o “espetáculo futebolístico”, dentre outros aspectos, é um fenômeno que amplia o potencial de representação social presente nessa modalidade esportiva.

⁴ Para uma definição de totalitarismo e sua diferenciação de autoritarismo ver Cornelsen (2014).

⁵ Como, por exemplo, a criação da Divisão de Educação Física (1937), o estabelecimento da obrigatoriedade do ensino de Educação Física (1937) e a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) (1939) e do Conselho Nacional de Desportos (1941) (BUENO, 2008).

brasileira na França em 1938 foi associada, especialmente pela imprensa esportiva, à composição pluriétnica da equipe brasileira e, sobretudo, à atuação de jogadores com trajetórias de vida marcadas pela ascensão social por meio do futebol, permitindo a formulação de um discurso de pretensa unidade social e racial brasileira através dessa modalidade esportiva (NEGREIROS, 1998)⁶.

Não é de se estranhar, portanto, que durante o Congresso da Federação Internacional de Futebol *Association* (FIFA) em Paris, realizado concomitantemente ao Mundial de futebol de 1938, delegados brasileiros membros da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) apresentaram oficialmente o interesse em sediar a edição seguinte da Copa do Mundo prevista para ocorrer em 1942. Concorria com o Brasil a Alemanha nazista que, após ter promovido os Jogos Olímpicos de Inverno e de Verão de 1936, respectivamente em Garmisch-Partenkirchen e Berlim, mostrava-se novamente interessada em realizar um evento esportivo internacional em seu país. Entretanto, a FIFA não oficializou sua decisão, optando por fazê-la dois anos depois, em 1940. Com a eclosão da Guerra, a entidade futebolística internacional suspendeu a realização de seus Congressos, bem como da própria Copa do Mundo, que, assim, não contou com as edições previstas para os anos de 1942 e 1946.

A retomada das atividades da FIFA ocorreu em 1946, com a convocação de um novo Congresso sediado em Luxemburgo, cuja principal pauta foi a reorganização da Copa do Mundo de futebol, prevista para ser realizada em julho de 1949⁷. Como demonstramos em outra ocasião (COUTO; LAGE; LIMA, 2014), a escolha do Brasil como sede da IV Copa do Mundo de futebol, atendia, na ocasião, a um conjunto de interesses esportivos e políticos da própria FIFA, dentre os quais destacava-se a tentativa da entidade internacional de se reaproximar das consolidadas agências futebolísticas do Cone-Sul após atritos com as Federações argentinas, chilenas e uruguaias nos anos de 1938 e 1939. Para tanto, a entidade internacional utilizou-se de seu principal aliado local, o Brasil, único participante sul-americano das três primeiras edições da Copa do Mundo de futebol (MÜRRAY, 1999). Além disso, o rearranjo geopolítico internacional vivenciado no pós II Guerra, relacionado ao processo de distensão do capitalismo internacional, caracterizado pela reprodução do liberalismo econômico e pela consolidação de alianças políticas nas frágeis democracias sul-americanas (MOURA, 1990), favorecia a concretização da lógica utilitária do capital, uma das essências das Copas do Mundo (DAMO, 2009).

⁶ A III Copa do Mundo de futebol realizada na França em 1938 também se destacou pelo uso político que o governo fascista fez do título conquistado pela equipe italiana, reforçando propaganda já realizada anteriormente, quando o país promoveu e venceu a competição em 1934 e quando conquistou a medalha de ouro na modalidade esportiva do futebol nos Jogos Olímpicos de Berlim, realizados em 1936.

⁷ A IV Copa do Mundo de futebol foi realizada no Brasil entre os dias 24 de junho e 16 de julho de 1950 uma vez que o Comitê Organizador solicitou o adiamento da competição dada sua proximidade com os Jogos Olímpicos de Londres, realizados em 1948. Cf.: QUEREM o adiamento do Campeonato Mundial de Foot-Ball. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 set. 1947, p. 10.

Assim, a atuação estatal como um dos principais promotores da competição, subsidiando a CBD e o Comitê Organizador com os preparativos do evento, e os governos municipais e estaduais com a execução de obras infraestruturais, especialmente de instalações esportivas, evidenciava o interesse governamental em consolidar a posição do Brasil no “bloco capitalista” em plena Guerra Fria, tendo em vista a associação direta entre “o *ethos* capitalista e o espírito das copas” (DAMO, 2009: 3).

Por outro lado, embora o país tivesse reorientado sua política externa e retomado o sistema político democrático a partir de 1945, extinguindo o estado de exceção que vigorava desde 1937, as competições esportivas, como a própria política de esportes, ainda eram concebidas a partir de alguns dos princípios políticos estado-novistas. Nesse sentido, as representações construídas sobre a Copa de 1950 no Brasil foram caracterizadas predominantemente pela preocupação com a projeção internacional de uma imagem positiva do país associada ao empreendedorismo, sucesso, progresso, crescimento econômico e modernidade, como também pela busca por uma identidade nacional por meio do futebol, sobretudo associando características positivas do povo, tais como a criatividade e a genialidade, ao desempenho dos atletas (MOURA, 1998; FRAGA, 2006; FREITAS JÚNIOR, 2009; FRANZINI, 2010). Estratégias simbólicas, aliás, que contribuíram para legitimar socialmente a competição no Brasil, produzindo discursos de convencimento público, pois, como nos assevera Damo (2009), é justamente através da reelaboração do “pertencimento clubístico”⁸, umas das principais essências do espetáculo futebolístico, que tanto a FIFA e suas agências subsidiárias quanto os governos nacionais conseguem forjar um “nacionalismo esportivo” responsável por encobrir os interesses estritamente econômicos condutores desse evento.

É, portanto, nesse sentido, que tentaremos demonstrar como os interesses capitalistas relacionados ao evento e, sobretudo a sua representação como um projeto de nação, influenciaram e legitimaram, em grande medida, a atuação dos poderes públicos municipais e estaduais de uma das seis cidades⁹ que sediaram a competição. Nessa

⁸ O “clubismo” e o sentimento de “pertencimento clubístico” são categorias utilizadas pelo antropólogo Arlei Sander Damo para explicar, dentre outros aspectos, o poder de mobilização social existente nos espetáculos futebolísticos. Adotaremos no presente artigo a noção de “clubismo” como um “[...] sistema complexo caracterizado pela adesão afetiva dos torcedores aos clubes de futebol, tendo como desdobramento a constituição de comunidades de sentimento. Essas, por seu turno, são responsáveis por desenvolver nos indivíduos uma dada percepção estética do jogo, caracterizada pelo engajamento, de modo que já não se pode dizer que quem vai ao estádio o faz como se estivesse indo ao teatro ou ao cinema, pois a um estádio não se vai para ver um jogo, mas para torcer pelo time que representa o clube do coração. Tais sutilezas marcam a especificidade do clubismo e, por extensão, da educação da sensibilidade que ele promove.” (DAMO, 2009: 4)

⁹ As cidades que sediaram os jogos da IV Copa do Mundo de futebol da FIFA no Brasil em 1950 e seus respectivos estádios foram os seguintes: Rio de Janeiro (Maracanã, 1950), São Paulo (Pacaembu, 1939), Curitiba (Durival de Brito e Silva, 1947), Porto Alegre (Eucaliptos, 1931), Recife (Ilha do Retiro, 1937) e Belo Horizonte (Independência, 1950). Segundo Mascarenhas (2013), a escolha desses centros urbanos pelo Comitê

perspectiva, optamos por analisar a cobertura da “grande imprensa” mineira sobre os preparativos para o evento, especialmente em Belo Horizonte, considerando os periódicos, de uma maneira geral, um *corpus* documental privilegiado por ser, ao mesmo tempo, arena e agente de “[...] boa parte dos embates acerca dos sentidos e significados atribuídos ao esporte [...]” (MELO *et al.*, 2013: 114), reverberando diferentes posicionamentos e também interferindo na dinâmica política do campo, legitimando e, em alguns momentos, tencionando, impulsionando e acelerando as ações do poder público ao longo do período de preparação para a Copa do Mundo de 1950¹⁰. Assim, ao figurar como um dos principais atores sociais nesse cenário, parte-se da hipótese de que a “grande imprensa”, em sua maioria, esteve a serviço dos mais proeminentes grupos políticos (estatais ou futebolísticos) do país, uma vez que o teor ideológico dos seus discursos apresentava-se afinado com o projeto liberal-capitalista e ufanista encampado pelo governo brasileiro.

Para os desideratos desse artigo, o *corpus* documental analisado se resume às publicações do *Estado de Minas* entre os anos de 1949 e 1950, um jornal de periodicidade diária da cidade de Belo Horizonte. O *Estado de Minas* foi fundado em 1928 por um grupo de acadêmicos belo-horizontinos a partir da aquisição das oficinas do *Diário da Manhã* (1927-1928), primeiro grande jornal da cidade (CASTRO, 1995). Um ano após sua criação, o *Estado de Minas* foi incorporado à cadeia de imprensa *Diários Associados* (1924-) (CASTRO, 1995) e, em 1931, passou a ser produtor e veiculador da primeira agência de notícias do Brasil, a *Agência Meridional de Notícias* (1931-2007) (AGUIAR, 2009), ambas de propriedade de Assis Chateaubriand¹¹, que desde meados da década de 1920, mostrara-se inclinado a apoiar um modelo de desenvolvimento econômico baseado no capital externo (LUCA, 2008).

A criação do *Estado de Minas* coincidiu, em Belo Horizonte, com a conformação do que convencionou-se chamar de “grande imprensa”, expressão que, embora seja bastante vaga, serve para designar o conjunto de periódicos em relação à sua circulação, perenidade, aparelhamento técnico e financeiro, dentre outros atributos. (LUCA, 2008: 1) Nesse sentido, a “grande imprensa” também se caracteriza por seu conteúdo diversificado e ilustrado, com vistas à ampliação e diversificação do público leitor em busca de produtividade e lucro (LUCA,

Organizador da competição respondia, a um só tempo, ao estágio de desenvolvimento urbano-industrial e de desenvolvimento das estruturas do futebol de espetáculo do país.

¹⁰ Para o papel da imprensa esportiva na promoção do futebol de espetáculo brasileiro, com ênfase no caso carioca, ver artigo de Leite Lopes (1994) e a tese de doutorado de Silva (2006). Este autor em especial tem desenvolvido pesquisas mais recentes sobre a atuação da imprensa esportiva mineira e sua relação com o futebol de espetáculo belo-horizontino (cf. SILVA, 2014: 33-48; 98-169).

¹¹ Francisco de Assis Chateaubriand de Mello, paraibano de Umbuzeiro, nascido em 1892, além de proprietário dos *Diários Associados*, foi advogado, jornalista, empresário, ex-dono dos laboratórios *Schering* e do *Licor de Cacau Xavier*, fazendeiro, senador pela Paraíba e pelo Maranhão, ex-embaixador do Brasil no Reino Unido, substituto de Getúlio Vargas na 37ª cadeira da Academia Brasileira de Letras e um dos criadores do Museu de Arte de São Paulo. Faleceu em 1968, após sofrer um acidente vascular cerebral que, desde o princípio da década de 1960, o deixou com dificuldades para falar e movimentar. (LAURENZA, 2008).

2005). Além disso, essa nova conformação midiática se caracterizava pela “[...] distinção cada vez mais clara entre a direção do jornal – propriedade e administração comercial/financeira – e a redação.” (CASTRO, 1995: 32). Embora, por vezes, esses setores ainda se influenciavam mutuamente.

Pode-se dizer, portanto, que, o *Estado de Minas*, como um veículo associado ao *Diários Associados* e à *Agência Meridional de Notícias*, reverberou e defendeu, ao longo do período dos preparativos da IV Copa do Mundo de futebol, as representações nacionalistas sobre o evento em questão. Para tanto, o presente artigo objetiva apresentar algumas das análises já produzidas sobre os interesses nacionalistas de atores sociais envolvidos com a Copa de 1950, demonstrando a participação do *Estado de Minas* na construção dessas representações.

As representações do mito nacional às vésperas da IV Copa do Mundo

Uma das principais representações nacionalistas produzidas durante os preparativos da Copa de 1950 teve como referência a interpretação culturalista de influência freyreana do futebol brasileiro apropriada pelo Estado Novo, que considerava a miscigenação definidora de um estilo de jogo original e superior aos demais países, propiciando, como assinalamos anteriormente, que essa modalidade esportiva se configurasse em um símbolo da identidade nacional, pretensamente democrática racial e socialmente (cf. NEGREIROS, 1998; cf. PEREIRA, 1998: 284-337; cf. SOUZA, 2008: 61-70, 187-194). Os textos do jornalista Mário Filho no *Jornal dos Sports*, periódico carioca especializado na cobertura de eventos esportivos, e, sobretudo o seu livro memorialístico *O negro no futebol brasileiro*, publicado originalmente em 1947, teria contribuído nesse sentido, conjugando, a um só tempo, a “[...] tentativa de reconstituir o passado [e o] esforço para interpretá-lo segundo a hipótese da democratização racial.” (SILVA, 2006: 188) A matriz sociológica dessa interpretação trata-se de um “freyrismo popular” (SOARES, 2003), baseado nas discussões de Gilberto Freyre que, ao prefaciar a primeira edição da obra de Mário Filho, ressaltava a formação identitária nacional “[...] híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas [...]” (FREYRE, 1964: s/p), o que, como destacou em um ensaio escrito posteriormente, justificava a excelência futebolística nacional a partir de uma “[...] suposta maneira brasileira mais característica de jogar o futebol [...]” (FREYRE, 1971: 58), consagrada como “futebol-arte”, resultado da integração dos pobres e, sobretudo, “[...] pela influência, certamente, dos brasileiros de sangue africano, ou que são marcadamente africanos na sua cultura [...]” (FREYRE, 1971: 58). Com efeito, a identificação, no campo futebolístico, de componentes oriundos do repertório simbólico freyreano como a plasticidade, a improvisação e a malandragem, visavam integrar o futebol ao extenso cabedal discursivo arregimentado pelos arautos do mito nacional, cuja função era fornecer o sentido moral que permitisse moldar as relações de pertencimento coletivo no campo esportivo.

Apesar de não explicitar aspectos étnicos ou “raciais”, as representações que o *Estado de Minas* construiu sobre a seleção brasileira de futebol entre 1949 e 1950 enfatizava a “técnica”, a “habilidade” dos jogadores que caracterizavam um modo peculiar e positivo de se “praticar” futebol, aproximando-se da interpretação culturalista freyreana sobre essa modalidade esportiva formulada naquele contexto. Para legitimar tais discursos, o veículo mineiro do *Diários Associados* utilizou-se, principalmente, de trechos de depoimentos selecionados por Agências de Notícias, o que o permitia “[simular] os seus dizeres através do dizer do Outro.” (CORNELSEN, 2002: 329). Além disso, a representação construída em torno do enunciador dos discursos, caracterizando-o quase sempre como uma personalidade futebolística internacional, enfatizava a pretensa credibilidade da opinião veiculada.

A coluna “Conhecendo o esporte no Velho Mundo”, produzida pelos jornalistas Mario Provenzano e Fernando Bruce, foi amplamente explorada com vistas a legitimar a grandiosidade do futebol brasileiro em relação àquele praticado pelos europeus. Enviados pelo *Diários Associados* à Europa, os jornalistas eram responsáveis pela coluna que foi publicada, durante o ano de 1949, sem uma periodicidade definida no *Estado de Minas*. Os textos e ilustrações versavam sobre a estrutura organizativa dos esportes, especialmente do futebol, as características dos jogadores e as táticas das equipes de futebol, os costumes dos espectadores futebolísticos de países europeus, principalmente daqueles participantes das eliminatórias da Copa de 1950, como o caso da Dinamarca, Escócia, Espanha, França, Inglaterra, Irlanda, Itália, Iugoslávia, País de Gales, Portugal e Suécia. Como uma espécie de diário de viagem, recheado de aventura, estranhamento, surpresas e informativos sobre o esporte nesses países, a coluna “Conhecendo o esporte no Velho Mundo” nos é ainda mais interessante, pois permite identificar, em contraste, como tais jornalistas representavam o próprio esporte e o futebol brasileiro, sobretudo se considerarmos a identidade cultural como uma categoria relacional, marcada pela diferença, uma vez que, para existir, ela depende de algo que lhe é externo, ou de outra identidade que ela não é, mas que fornece as condições para sua existência (cf. WOODWARD, 2000: 7-72).

Exemplo dessa constatação pode ser encontrada na descrição que Provenzano e Bruce fizeram das características do futebol praticado pelos ingleses, tendo como base de comparação:

[...] o ‘soccer’ sul-americano, mais vivaz em sua prática, *mercê das improvisações desconcertantes* dos jogadores brasileiros, do seu classicismo, às vezes levado ao exagero, mas sempre, ou quase sempre, *mais brilhante que o*

calculado, medido e dosado ‘association’ inglês.” (grifos nossos)¹²

A contraposição entre “improvisação, desconcerto” *vs.* “cálculo, mensuração, dosagem” nos remete à própria dicotomia construída por Freyre, e endossada por Mário Filho, entre irracionalidade e racionalidade cultural, ou entre tradições culturais dionisíacas e apolíneas, as primeiras consideradas como contributos dos afro-brasileiros (cf. SOARES, 2003). A partir dessa interpretação formulada por Freyre e Mário Filho, e reverberada nos textos de Provenzano e Bruce¹³ publicados no *Estado de Minas*, a trajetória social do futebol no Brasil teria sido responsável, assim, por ressignificar uma prática cultural originária da Europa, tipicamente “racional” e apolínea, por meio do hibridismo, da miscigenação, aspectos pretensamente constitutivos do próprio povo brasileiro.

Tais discursos, associados à cobertura diária que o *Estado de Minas* fazia da convocação, concentração e dos treinos da seleção brasileira de futebol, também por meio das Agências de Notícias, sobretudo a *Meridional*, contribuíam para convencer a opinião pública belo-horizontina de que a equipe organizada pela CBD para a disputa da Copa do Mundo era, de fato, uma representação da coletividade nacional, estratégia simbólica considerada por Damo (2009) como essencial para o sucesso econômico desse evento esportivo. Além disso, a representação da equipe brasileira a partir dessas características culturais positivadas permitia a difusão de um “otimismo” quanto ao desempenho da seleção e de uma ideia de “favoritismo” dos anfitriões na competição, também veiculados a partir de Agências de Notícias e personalidades futebolísticas. Assim, repercutindo entrevista coletiva de Ottorino Barassi, presidente da Federação Italiana de *Giocca del Calcio* e vice-presidente da FIFA, concedida em Roma após visitar diversos países da América do Sul, a coluna “Conhecendo o esporte no Velho Mundo” trazia a impressão do prócer italiano de que “O nível técnico do foot-ball brasileiro é elevadíssimo [...]”¹⁴.

A coluna “O Campeonato Mundial em foco”, ou simplesmente “O Mundial em foco”, publicada no *Estado de Minas* desde meados de 1949 até o desfecho da competição, também serviu para difundir discursos que enalteciam o futebol brasileiro e a sua suposta superioridade. Diferentemente de “Conhecendo o esporte no Velho Mundo”, “O Mundial em foco” era composta por várias pequenas notas independentes, montadas com material das Agências de Notícias contratadas pelo *Diários Associados*, incluindo agências internacionais e a própria *Meridional*, funcionando como uma espécie de boletim diário sobre a competição. Seus textos, eventualmente ilustrados com fotos de atletas e técnicos,

¹² PROVENZANO, Mario; BRUCE, Fernando. Conhecendo o esporte do velho mundo. O Arsenal cederá somente um reserva à seleção inglesa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 out. 1949a, p. 9.

¹³ Idem.

¹⁴ PROVENZANO, Mario; BRUCE, Fernando. Conhecendo o esporte do velho mundo. O Municipal é uma obra que honra o trabalho humano. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 nov. 1949b, p. 8.

variavam desde crônicas a entrevistas, em formato de pequenos informativos sobre os preparativos para a Copa, repercutindo eventos das entidades promotoras, os jogos eliminatórios e os preparativos das seleções para a competição.

A nota “Declarações de Rimet em Paris”¹⁵, produzida pela Agência *France Press*, e publicada pelo *Estado de Minas* na coluna em questão, é um exemplo da publicação de discursos que difundiam esse “otimismo” dos anfitriões. Ao repercutir trechos da entrevista do presidente da FIFA, Jules Rimet, concedida em 6 de outubro de 1949 em Paris, logo quando regressara de sua visita ao Brasil, onde estivera para coordenar o trabalho da comissão organizadora do evento, “O Mundial em foco” destacava a percepção desse dirigente futebolístico de que “O futebol que praticam os brasileiros tem algo de inconcebível [...]”¹⁶. Em outra ocasião, uma das chamadas da coluna em questão explicitava que o espanhol Ricardo Zamora, “[...] goleiro que já foi o maior do mundo ‘aposta’ nos nossos [jogadores para vencer a competição]”¹⁷.

O *Estado de Minas* não apenas selecionou e reproduziu tais discursos das Agências de Notícias, como também produziu suas próprias matérias endossando essa mesma representação culturalista positiva da seleção brasileira igualmente utilizando a “voz” de uma suposta personalidade futebolística internacional. Menos de três meses antes do início da competição, o goleiro Barbosa do *Clube de Regatas Vasco da Gama* e da seleção brasileira na Copa de 1950, posteriormente representado como um dos culpados pelo *maracanazo*¹⁸, foi manchete na contracapa da seção de esportes do *Estado de Minas* antes do início do Mundial como “[...] o maior arqueiro do futebol mundial”¹⁹.

A frase era respaldada pela apresentação hegemônica que a extensa matéria fazia de seu enunciador, o jornalista esportivo Alexandre Djukitde, “[...] o *brilhante correspondente* do L’Equipe France Football [...] o *maior jornal especializado do mundo*, com tiragem de 1 milhão de

¹⁵ O MUNDIAL em Foco. Declarações de Rimet em Paris. Mais cedo as finais do Brasileiro. Swindin elogia o futebol nacional. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 out. 1949a, p. 8.

¹⁶ Idem.

¹⁷ O MUNDIAL em Foco. A exibição dos brasileiros deixou um grande recordação em Ricardo Zamora. E o goleiro que já foi o maior do mundo “aposta” nos nossos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 mar. 1950, p. 12.

¹⁸ A expressão *maracanazo* é utilizada para se referir ao revés sofrido pelo Brasil diante do Uruguai (2 a 1) na última partida da IV Copa do Mundo de Futebol de 1950 realizada no Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã. O resultado do confronto rendeu o vice-campeonato aos anfitriões e o tetracampeonato mundial de futebol aos platinos, que já se consideravam tricampeões mundiais de futebol por terem conquistado a medalha de ouro nessa modalidade esportiva nos Jogos Olímpicos de 1924 (Paris) e 1928 (Amsterdã), e por terem sediado e vencido a primeira Copa do Mundo de futebol organizada pela FIFA em 1930.

¹⁹ UM JORNALISTA francês analisa o esporte brasileiro. Barbosa, o maior arqueiro do futebol mundial. Danilo, outro valor excepcional. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 mar. 1950, Seção de esportes, p. 4.

exemplares.”²⁰ (*grifos nossos*) Ao longo do texto, os elogios ao jornalista se avolumavam:

[...] um dos *melhores jornalistas especializados do mundo*.
 [...] Seu *cabedal de conhecimento deu-lhe fama em todo o mundo*. Por isso, suas *opiniões são valiosas*, representando o *melhor* do que se pode exigir *em materia de comentarios*.²¹ (*grifos nossos*)

Diante dessa pretensa incontestabilidade do jornalista francês, a matéria veiculava opinião sobre diversos aspectos relacionados ao futebol, mais precisamente, sobre a Copa de 1950. A exaltação a Barbosa como uma das principais manchetes esportivas do *Estado de Minas* daquele domingo era sustentada, em grande medida, pelos comentários veiculados na segunda parte da matéria – “O Abraço da França” – de um total de oito. Nela, o jornal mineiro publicava a opinião de Djukitde sobre a competição a ser realizada no Brasil, apontando o país anfitrião como “[...] um dos *candidatos mais serios*, senão a *representação mais capacitada* a triunfar no torneio mundial de futebol.”²² (*grifos nossos*) O favoritismo dos brasileiros se justificaria a partir de uma comparação “[...] das condições técnicas de quantas representações nos visitarão.”²³

A descrição dessas condições técnicas dos jogadores brasileiros aproxima o discurso produzido e veiculado pelo *Estado de Minas* ao nacionalismo esportivo fomentado nos anos de 1930 e 1940, pautado na interpretação culturalista sobre o futebol como símbolo nacional. Ao se apropriar das palavras de Djukitde, o *Estado de Minas* definia a prática futebolística brasileira, da qual Barbosa seria um representante, como “improvisada e intuitiva” o que propiciaria “resultados mais objetivos” em oposição ao futebol europeu cujo estilo de jogo seria, supostamente “mais estudado, mais cuidado [*sic*], mais temeroso de erro”²⁴.

Pari passu a tais representações nacionalistas da seleção brasileira, a cobertura midiática dos preparativos para a IV Copa do Mundo de futebol de 1950 também possibilitou a difusão de uma imagem positiva do país influenciada pelas dicotomias “modernização, desenvolvimento, progresso, civilização” *vs.* “atraso, subdesenvolvimento, fracasso, despreparo”, que ganharam notoriedade política a partir das discussões da Comissão para Desenvolvimento da América Latina (CEPAL, 1948-), como bem observou Freitas Júnior (2009). Para tanto, o próprio evento foi representado pela imprensa belo-horizontina como de interesse internacional, sobretudo do continente europeu, sendo adjetivado de maneira superlativa e de valores melhorativos universais, especialmente daqueles relacionados ao conagraçamento internacional em um contexto pós Guerra e de polarização ideológica internacional. Assim, o *Estado de Minas* se referia à competição por meio de expressões como

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

“grande acontecimento”, “maior campeonato da Terra” que congregaria os “maiores astros do futebol mundial” ou ainda como uma:

[...] *grande festa de fraternidade universal.*
 [...] *magna disputa [...] a mais bela festa de confraternização* dos últimos tempos [que simbolizará a *união* de atletas de quase *todos os continentes*, através dessa força invencível que é o esporte, elo indissolúvel que *liga os jovens*.²⁵ (*grifos nossos*)

Características que contribuíam para que o *Estado de Minas* conjecturasse sobre o número de turistas estrangeiros interessados no evento, variando de 10 mil a 50 mil²⁶. Essa pretensa relevância internacional da Copa do Mundo de futebol possibilitou que os preparativos para o evento, notadamente a construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, e do Estádio Independência em Belo Horizonte, de propriedade do *Sete de Setembro Futebol Clube*, fossem explorados pela imprensa mineira como símbolos do desenvolvimentismo e do progresso nacional, pois, como destaca Franzini (2010: 248), o que estava em jogo para a CBD e para o governo brasileiro, *a priori*, não era vencer a competição, “[...] e sim [...] recebe-la adequadamente.”

Se até os anos de 1980 as Copas do Mundo de futebol se adaptaram às cidades-sedes e às suas infraestruturas disponíveis (MASCARENHAS, 2013: 3) antes de nelas intervir, o crescimento urbano-industrial brasileiro, fruto da política intervencionista varguista, associado às duas décadas de ressignificação social do futebol, conformando-o em uma cultura de massas em alguns centros urbanos do país, permitiu que a Copa de 1950 “[...] oportuniz[asse] a realização de um investimento material que não tardaria a acontecer [...]” (MASCARENHAS, 2013: 15), servindo, assim, como pretexto para o aprimoramento de alguns estádios e para a edificação do Maracanã e do Independência. Exemplo nesse sentido é que o desejo político em dotar o Rio de Janeiro de uma grande praça esportiva advinha ainda do período estado-novista, quando o Ministério da Educação e Saúde e a Prefeitura Municipal do Distrito Federal disputaram a construção de um Estádio na então capital da República. A contenda entre os entes municipal e federal pela execução da obra paralisou o projeto, retomado apenas em 1947 quando da escolha do Brasil para sediar a IV Copa do Mundo de futebol da FIFA.

A despeito do debate político travado entorno da construção do Maracanã a partir de 1947, e reverberado pela imprensa brasileira como “Batalha do Maracanã” (cf. MOURA, 1998: 17-48; MELO, 2011: 8-54), pode-se dizer que o Estádio Municipal carioca foi hegemonicamente representado como “novo monumento nacional” (FRANZINI, 2010: 254), capaz de caracterizar a capital da República como moderna e

²⁵ Idem.

²⁶ Cf. respectivamente: O MUNDIAL em Foco. O início do certame foi antecipado para 24 de junho - Declarações de Irineu Chaves, que retornou da Europa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 dez. 1949b, p. 9. NOTICIÁRIO diverso. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 fev. 1950, p. 8.

cosmopolita, principalmente se observarmos que a imprensa, tal como verificado na descrição feita sobre o próprio evento internacional futebolístico de 1950, também adjetivava o Maracanã de maneira superlativa, além de considera-lo promotor de valores melhorativos universais, notadamente aqueles relacionados às questões comportamentais, associadas à laudatória ideia de “civilização”. Ao mesmo tempo, a nova praça de esportes da capital República também era descrita como espaço de integração social e nacional, sendo representada como resultado da “[...] comunhão entre a capacidade de empreendimento do prefeito, apoiado pelo presidente da República, e a capacidade de realização do povo [...]” (MOURA, 1998: 36), sobretudo do trabalhador brasileiro.

Boa parte desses significados encontram-se presentes na cobertura que o *Estado de Minas* fazia, por meio da *Agência Meridional*, da construção do Estádio Municipal carioca, especialmente a partir de maio de 1950, quando aproximava-se, portanto, a inauguração da nova praça de esportes e a abertura oficial do evento, realizada em 24 de junho de 1950 no próprio Maracanã. Nesse sentido, o periódico belo-horizontino reforçava a magnitude da obra e do próprio Estádio, considerando-os como “colossal”, “gigante” ou “[...] criação *impressionante*. [...] movida a toque de vara de condão [...]. monumento [que dá] a *sensação de grandiosidade* [...] realmente *esmagadora*.”²⁷ (*grifos nossos*). Além disso, as reportagens chamavam atenção para aspectos da funcionalidade e do conforto do estádio, indicando que as novas acomodações ofereciam conforto a “gente de todas as classes”²⁸.

A responsabilidade pelo empreendimento também reforçava a perspectiva da integração social e nacional, uma vez que tal realização era atribuída ao “sonho de todos os brasileiros”. Eivadas de frases que ilustravam o tom personalista da sua prática discursiva, as reportagens sobre a inauguração do “maior estádio do mundo” creditavam ao trabalho de “homens corajosos” como o prefeito Mendes de Moraes e ao coronel Herculano Gomes, chefe da comissão construtora, os louros e a glória pelo grande feito, cuja construção não seria possível sem a participação do povo brasileiro: “[...] *milhares de operarios* que dedicam sua atividade na faina heroica de erguer um verdadeiro palacio – *orgulho da capacidade de realização do trabalhador brasileiro* [...]”²⁹ (*grifos nossos*).

Nesse mesmo sentido, a cobertura do *Estado de Minas* sobre a construção do Estádio Independência, cotidiana e amplamente ilustrada, como também as representações sobre essa nova praça esportiva belo-horizontina, aproximavam-se de várias das representações nacionalistas formuladas entorno dos preparativos do mundial de futebol no Brasil e do Estádio do Maracanã, contribuindo, a um só tempo, para reforçar a capacidade belo-horizontina em sediar o evento, para legitimar

²⁷ ESCOBAR, Geraldo. Inauguração antes da Copa do Mundo. O estadio municipal estará concluído na data marcada. Marquise, assunto do dia. O campo não constitui mais problema. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 abr. 1950, Seção de Esportes, p. 2.

²⁸ ATÉ os operarios deixaram de comer! *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 maio 1950, p. 9.

²⁹ ESCOBAR, Geraldo. Inauguração..., p. 2.

socialmente o empreendimento e para pressionar a Municipalidade no sentido de concluí-lo, sobretudo tendo em vista o aporte de recursos e funcionários públicos destinados à obra a partir da segunda metade de 1949. Em consonância com a representação do Maracanã, o Estádio Independência também era caracterizado por sua grandiosidade e excelência, sendo considerado uma “[...] casa *ampla e confortável* [...] dotado dos *melhores requisitos* [...]”³⁰ (*grifos nossos*), ou ainda, o “[...] *terceiro [maior] estadio do Brasil* [...]”³¹ (*grifos nossos*).

A suposta sinergia entre o governo e o povo, permitiu que o *Estado de Minas*, em mais de uma ocasião, repercutisse a impressão positiva dos dirigentes da FIFA sobre o Brasil, sobretudo de seu presidente, Jules Rimet, que declarava ter a “[...] certeza [*de que*] a Copa do Mundo, em 1950 registrará um sucesso jamais igualado”³². E que “[...] o *Brasil se portaria* no campeonato mundial perfeitamente *à altura da magnitude desse certame* [...]”³³ (*grifos nossos*), associando os satisfatórios trabalhos de organização do país a um comportamento público ideal esperado dos brasileiros durante o evento.

Assim, analisando as representações construídas por um veículo da “grande imprensa” belo-horizontina sobre a seleção brasileira e a construção dos Estádios Maracanã e Independência, é possível perceber em que medida a cobertura do *Estado de Minas* sobre a IV Copa do Mundo de futebol corroborou a perspectiva nacionalista presente na promoção da competição de futebol no país.

Considerações finais

À guisa de conclusão, podemos conjecturar, por meio da análise das fontes, que a IV Copa do Mundo de futebol realizada no Brasil em 1950 pode ser tratada como um momento ímpar para se discutir as representações identitárias nacionais a partir dessa modalidade esportiva. Fortemente marcada por interesses políticos, sobretudo pelo contexto de reconfiguração geopolítica internacional e pela remodelação política do próprio país, recentemente saído de um regime autoritário, o evento em questão serviu como plataforma para o governo brasileiro difundir uma auto imagem que se projetava da nação.

Por meio da cobertura midiática de um veículo da “grande imprensa” belo-horizontina, percebemos a mobilização de algumas das estratégias discursivas colocadas em curso no sentido de legitimar o projeto de inculcação do futebol como um dos símbolos da nação. Ao eleger o selecionado de jogadores para a competição como legítimos representantes do povo brasileiro, o *Estado de Minas* reverberou a

³⁰ CASTRO, Etienne de. Deus lhe pague. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 dez. 1949, p. 12.

³¹ TRÊS mil pessoas assistiram ao ensaio dos rubros. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 jun. 1950, p. 8.

³² O MUNDIAL em Foco. Declarações de Rimet em Paris. Mais cedo as finais do Brasileiro. Swindin elogia o futebol nacional. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 out. 1949a, p. 8.

³³ O CAMPEONATO Mundial em Foco. A seleção deve jogar no exterior, antes do certame. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1 out. 1949, p. 7.

interpretação culturalista do nosso futebol construída durante o período estado-novista. Nesse sentido, a mobilização do discurso de superioridade nacional, resultado de um estilo de jogo singular e, supostamente superior, advindo da miscigenação, em última instância, também simbolizava os componentes psicossociais que integravam o discurso liberal sobre a nação.

Pari passu, as intervenções governamentais e as atividades relativas à organização do evento possibilitaram a representação de uma imagem positiva da nação associada às ideias de progresso, desenvolvimento, modernização e civilização. Nesse sentido, o próprio evento foi caracterizado pelo referido periódico belo-horizontino como de interesse internacional, sobretudo no continente europeu, onde o governo brasileiro visava projetar a imagem de um país moderno, civilizado e empreendedor e, portanto, digno de sediar um evento de conagração internacional.

Assim, especialmente, por meio das representações do gigantismo e magnitude dos novos estádios – Maracanã e Independência – que tais ideias ganharam substância. Outrossim, as novas praças esportivas, construídas para receber a competição no país, foram tratadas como monumentos que simbolizavam a grandiosidade o progresso e o desenvolvimento da nação.

Referências

AGUIAR, Pedro. Marx explica a Reuters: anotações para leituras da economia política sobre agências de notícias. In: *Anales del VII Congreso Internacional de la ULEPICC*. Madri: Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC), 2009. 19 p.

BUENO, Luciano. *Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento*. 2008. 314 f. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) – Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo.

CASTRO, Maria Ceres Pimenta S.. Efêmeros e permanentes: os ardis da memória da imprensa de Belo Horizonte. In.: LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerários da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Belo Horizonte, MG: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 13-41. (Coleção Centenário)

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Esporte e discurso totalitário: os Jogos Olímpicos de Berlim e o discurso nazista na imprensa. In.: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002, p. 315-350.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Totalitarismo. *Literatura e Autoritarismo*. Literatura: Compreensão Crítica. N. 14, dez. 2014. 9 p.

COUTO, Euclides de Freitas; LAGE, Marcus Vinícius Costa; LIMA, Karen dos Santos. O Independência e a dependência: análise histórica da cobertura jornalística em tempos de preparativos para a IV Copa do Mundo de futebol (1950) em Belo Horizonte/MG. *Revista Contemporânea*, Dossie História & Esporte, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, vol. 2, 2014, p. 1-30.

DAMO, Arlei Sander. A diversidade futebolística e a dinâmica das emoções na versão espetacularizada. In.: *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. SP: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007, p. 33-67.

DAMO, Arlei Sander. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as Copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. *Razon y Palabra*, México, n. 69, jul./ago./set. 2009.

DRUMOND, Maurício. *Estado Novo e esporte: uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. 2013. 222 f. Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Rio de Janeiro.

FRAGA, Gerson Wasen. Onde os jacareis não andam pelas ruas: a imprensa e os motivos da realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil. *Biblos*, Porto Alegre, RS, n. 20, 2006, p. 145- 156.

FRANZINI, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 243-274, jul./dez. 2010.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. 2009. 330 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, Pós-Graduação em História, Curitiba, PR.

FREYRE, Gilberto. Futebol brasileiro e dança. In.: *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1971, p. 57-58. (Coleção Brasil moço: literatura viva comentada; v.4)

FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro. Prefácio da 1ª edição. In.: FILHO, Mário Rodrigues. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, s/p. (Coleção Retratos do Brasil, v. 29)

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chato, Wainer e Lacerda. In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de

(Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 179-205.

LEITE LOPES, José Sérgio. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP*, Dossiê Futebol, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994, p. 65-83.

LENHARO, Alcir. A militarização do corpo. In.: *Sacralização da política*. 2 ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1986, p. 75-105.

LINHALES, Meily Assbú. Jogos da política, jogos do esporte. In.: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Lazer e esporte: políticas públicas*. Campinas/SP: Autores Associados, 2001, p. 31-56.

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. *9ª Conferência Internacional da Brazilian Studies Association* (Brasa), Tulane University, 2008. 22 p.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MASCARENHAS, Gilmar. A Copa do Mundo de 1950 e sua inserção na produção do espaço urbano brasileiro. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, ano 15, v. 2, n. 24, 2º semestre 2013, 22 p.

MELO, Erick Silva Omena de. *Percepções urbana em jogo: os impactos da Copa do Mundo de 1950 à luz da imprensa carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. 2011. 55 p.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Meios de comunicação. In.: *Pesquisa histórica e História do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 113-127.

MOURA, Gerson. *O alinhamento sem recompensa: a política externa do Governo Dutra*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990. 113 p. (Textos CPDOC)

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. 168 p.

MURRAY, Bill. FIFA. In.: RIORDAN, James; KRUGER, Arnd (Orgs.). *The international politics of sport in the twentieth century*. Londres: E & FN Spon; Nova Iorque: Routledge, 1999, p. 28-47.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de C.. O futebol e identidade nacional: o caso da Copa de 1938. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Ano 3, nº 10, Buenos Aires, maio 1998.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Epílogo – Do *foot-ball* ao futebol. In.: *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, p. 284-337.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014. 292 p.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 238 p.

SOARES, Antonio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo. (org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003, p 155.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em ação! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008. 220 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2000. p. 7-72.

Recebido em 18 de setembro de 2015
Aprovado em 06 de novembro de 2015